

Atrás do voto, todos mordem a Língua

Os erros e deslizes de quem disputa a cadeira do poeta e acadêmico José Sarney

MARA ZIRAVELLO

Os candidatos à sucessão presidencial talvez até acertem nas promessas de campanha, mas sem dúvida erram na gramática. Tida como traiçoeira pela maioria dos brasileiros, a língua portuguesa prega peças nos políticos — e nos eleitores também. Se os concorrentes à cadeira do presidente José Sarney cumprirem ao pé da letra o que dizem, nada vai mudar no País.

Muitos garantem, por exemplo, melhorar a distribuição de renda a nível do salário. A rigor, a nível de é uma expressão que não existe. O correto, como ensina o gramático Adriano da Gama Kuri em seu livro *Para Falar e Escrever Melhor o Português*, é *em nível de* ou *no nível de*. Distribuir renda, portanto, na forma como o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, sugeriu no programa *Roda Viva*, é impossível.

Collor, como muitos de seus adversários, entre eles Paulo Maluf (PDS), costuma penalizar os eleitores mais atentos. "O País não pode continuar, infelizmente, penalizado, penalizando quem trabalha", enfatizou Maluf durante o debate realizado terça-feira pela Rede Bandeirantes. Penalizar, de acordo com o dicionário de Aurélio Buarque de Hollanda, é causar pena, dó, e não castigar ou sacrificar, como querem alguns candidatos. Queixo erguido, olhos fixos na câmera, Maluf ainda formulou uma frase compreensível apenas pelo senso comum: "O problema da dívida externa, hoje, é absolutamente impagável." Por esta construção, impagável passa a ser o problema, e não a dívida.

Quando esteve em Brasília, no dia 9, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi aplaudido por estudantes secundaristas, mas seu discurso não encontrou respaldo no Português. Entretanto em convencer a platéia de que o PT pode chegar à Presidência da República, Lula não economizou esforços — apenas o plural das palavras que, aliás, parece odiar. "Os setores dominantes não se conforma...", bradou, alto e bom som. Plural também é o ponto fraco de Leonel Brizo-

la (PDT). "Os esclarecimentos que eu ouvirei me serão muito útil", garantiu o candidato a quem assistia ao debate organizado pelos representantes de cooperativas, em Foz do Iguaçu.

No programa *Roda Viva*, ao responder sobre o radicalismo dos militantes como causa do declínio do PT nas pesquisas, Lula afirmou: "Eu tenho certeza que não é". Ao contrário do que costuma fazer, engoliu o *de* justamente numa frase em que ele seria correto. Afinal, quem tem certeza, tem certeza de alguma coisa. Mas candidatos mais letrados às vezes usam letras demais. O médico Ronaldo Caiado (PSD) despediu-se do debate da *Bandeirantes* com um apelo, este sim, de penalizar os telespectadores: "Esse Brasil que produz e trabalha, do qual eu vim dele, vai me eleger".

Não raro, também, os candidatos anunciam idéias corretas — com preposições erradas. "Os políticos estão sobre a luz das gambiarras", afirmou Ulysses Guimarães (PMDB), no mesmo debate em que estava Caiado. Em tempos de eleições, a luz das gambiarras espalha-se sobre os políticos, mas, neste caso, eles estão sob seus raios.

No dia seguinte, foi a vez de Roberto Freire (PCB) imitar Caiado e Ulysses, ao empregar um pronome dispensável e, ainda por cima, de forma imprópria. Tudo numa frase só: "O que não pode acontecer é imaginar-se que vamos construir a democracia com lutas de bandos". Pelos manuais, a construção gramatical desta sentença até está correta, mas ela agride os ouvidos principalmente diante de uma câmera de televisão, quando a linguagem costuma ser mais coloquial. Errada mesmo é a frase que formulou Aureliano Chaves (PFL), durante visita a Foz do Iguaçu. "O que não faz-se é o transplante de tecnologia." Isto não se faz com o Português.

Poucos, como o senador Afonso Camargo (PTB), controlam a língua. Outro senador, o candidato do PSDB, Mário Covas, presta atenção no que diz, embora goste de uma redundância. Sempre que se refere ao problema habitacional, insiste em dizer que "há 40 anos atrás, 70% da população vivia no campo". Salva-se Mário Covas pelo emprego de palavras simples. Peca Guilherme Afif Domingos (PL) por tentar refinar a linguagem: "O governo caudicou..." Quem claudicou foi Afif, no debate da *Bandeirantes*.

